

As museologias insurgentes: pesquisa e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica

Les muséologies insurgées: recherches et réflexions pour transformer la Muséologie en Belgique

Manuelina Maria Duarte Cândido¹

DOI 10.26512/museologia.v9i17.29790

Resumo

Este artigo apresenta ao público brasileiro o projeto de pesquisa “Les muséologies insurgées: échanges transnationaux”, da Universidade de Liège, Bélgica. Sob a denominação genérica de museologias insurgentes são reportoriadas e analisadas diversas tendências, escolas e vertentes da Museologia que vêm renovando o campo desde pelo menos meados do século XX e que no Brasil de hoje deram lugar à potente Museologia Social. Com estes estudos o projeto pretende propor uma renovação da Museologia na Bélgica, a partir de abordagens mais plurais, inclusivas e comprometidas com o presente.

Palavras-chave

Museologias insurgentes. Museologia Social. Brasil. Bélgica

Résumé

Cet article présente le projet de recherche «Les muséologies insurgées: échanges transnationaux», de l'Université de Liège, Belgique, au public brésilien. Sous le nom générique de muséologies insurgées, plusieurs tendances, écoles et aspects de la Muséologie qui ont renouvelé le domaine depuis au moins le milieu du XXe siècle et qui au Brésil ont aujourd'hui cédé la place à la puissante muséologie sociale sont reflétés et analysés. Avec ces études le projet entend proposer un renouveau de la muséologie en Belgique, basé sur des approches plus pluriels, inclusifs et engagés dans le présent.

Mots-clés

Muséologies insurgées. Muséologie Sociale. Brésil. Belgique.

Este texto pretende apresentar ao público brasileiro o projeto de pesquisa “*Les muséologies insurgées: échanges transnationaux*”, desenvolvido na Universidade de Liège, Bélgica, onde sou a professora responsável pela área de Museologia desde 2018. Tal projeto tem como objetivo maior o estudo de diversas correntes ou tendências contemporâneas da Museologia chamadas aqui genericamente de museologias insurgentes. Tratam-se, grosso modo, de formas de pensar e praticar a Museologia ainda pouco conhecidas na Bélgica, e com este projeto eu pretendo reunir interessados em estudá-las e eventualmente em experimentá-las. Para tal, constituí um grupo de estudos, cadastrei o projeto e venho realizando e organizando conferências, além de oferecer anualmente a disciplina Seminários de Museologia: museus e museologias insurgentes. Outra estratégia do trabalho é impulsionar a retomada dos *Cahiers de Muséologie* da Universidade de Liège com destaque para a publicação da Museologia Social brasileira e estimular a tradução e publicação em francês e, eventualmente, também em inglês, de textos brasileiros nesta revista.

O projeto de pesquisa é, portanto, fundamentalmente realizado fora do Brasil, mas integra uma linha do Grupo de Estudo e Pesquisa em Museologia e Interdisciplinaridade (Geminter), da Universidade Federal de Goiás (UFG),

¹ Université de Liège – PPGAS/UFG. E-mail: manuelin@uol.com.br

Museologias Insurgentes:

pesquisas e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica

liderado por duas professoras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/FCS/UFG): a autora do presente artigo como líder e Camila Azevedo de Moraes Wichers, vice-líder e coordenadora da linha “Museologia, novas epistemologias”. Na Universidade de Liège está vinculado à Unidade de Pesquisa *Art, Archéologie et Patrimoine* (UR-AAP).

Este projeto se interessa, de maneira ampla, aos novos temas da Museologia do século XXI, muitos dos quais com raízes nas ondas de renovação da Museologia do século passado, que criaram novos movimentos como o Movimento Internacional pela Nova Museologia (Minom) mas também novas práticas e modelos de museus como os ecomuseus, museus de território, museus de vizinhança e museus comunitários, entre outros. Estas ondas de renovação (Duarte Cândido, 2003) dos museus e da Museologia apareceram inicialmente na França e foram disseminadas sobretudo em Portugal, no Canadá, no México e no Brasil, entre outros países. Mas ao contrário do que se pode pensar no Brasil, em que elas despertaram muito interesse e foram inspiradoras para a pujante Museologia Social de hoje, na França caíram em desuso, quase em esquecimento, e por fim descobri que na Bélgica elas praticamente não são faladas hoje.

No Brasil não faz muito sentido fazer toda uma revisão da história de transformação dos conceitos e práticas do campo museal para falar das teorias contemporâneas, a não ser para não iniciados, pois a potência da Museologia brasileira hoje suplanta e muito o que foi ensaiado na segunda metade do século XX. Ocorre que na Europa a realidade é bem diferente, especialmente no mundo francófono. Na França, a chamada Nova Museologia perdeu bastante de sua expressão e disseminação. Entre os jovens estudantes de Museologia as discussões são essencialmente outras, em torno das relações entre museus e o mundo digital, entre museus e economia da cultura e entre diversos campos das chamadas Ciências da Informação, onde eventualmente a Museologia é incluída. Aquela Museologia preme de utopias, de relação com o social, militante e engajada que viu luz em experiências como o Ecomuseu do Creusot-Montceau não é praticamente falada e ensinada, e é muitas vezes associada pelos jovens estudantes a reminiscências datadas de uma geração que viveu o Maio de 68. Na Bélgica não é muito diferente, e o fato de haver somente uma formação em Museologia limita ainda mais a diversidade de concepções. Embora uma formação universitária em Museologia não seja exigência para atuar no campo e os percursos sejam múltiplos, com a designação de museólogo sendo construída especialmente a partir da prática em museus, a influência do até recentemente chamado *Séminaire de Museologie*² da Universidade de Liège no campo é notória, tanto no que diz respeito à bibliografia – o livro *La Muséologie* de André Gob e Noémie Drouguet está na 4ª edição e foi traduzido em diversas outras línguas, inclusive, desde 2019, em português – e Gob presidiu durante 12 anos o Conselho de Museus, responsável pelo reconhecimento ou não de museus na Bélgica francófona, a Valônia. O Decreto Real de 17 de julho de 2002 que estabeleceu os critérios para reconhecimento dos museus da região chamada Wallonie-Bruxelles em quatro categorias é também largamente baseado nas ideias de Gob, que por sua vez não diferem muito do que é consensuado entre gestores de grandes museus belgas, de forma que estas posições teóricas são hegemônicas na região³.

2 Trata-se, na verdade, de um mestrado especializado em Museologia. Vale lembrar que a partir de 2020 passamos a adotar a denominação *Service de Muséologie*, em consideração a uma iniciativa de padronização dos diferentes serviços da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Liège.

3 É preciso explicar que se trata de um país marcadamente dividido do ponto de vista administrativo em

Neste contexto, por exemplo, a proposta de nova definição de museus discutida pelo Conselho Internacional de Museus (Icom) na Conferência Geral de 2019 em Quioto, Japão, tende a ser radicalmente rechaçada, assim como na França⁴. Além do entendimento, com o qual posso concordar, de que ela é longa, pouco estruturada e pouco ajuda a dizer o que não é museu, um fator importante para sua aplicabilidade nas legislações nacionais, há divergências assentes em concepções de mundo e de cultura muito distantes das nossas no Brasil. As críticas apontam que a definição ‘alternativa’ é ideológica, como se a atual fosse neutra. Demonstram incômodo com termos associados ao perfil dos museus como “participativos”, “polifônicos”, “transparentes”, não enxergam precisão em expressões como diálogo e colaboração ativa, incomodam-se com a presença de palavras como “espécimes” ao lado de “artefatos”. Cabe ressaltar que na Bélgica, como na França, a Museologia é uma especialidade da História da Arte e Arqueologia (assim mesmo, juntas, como se fossem um só campo que passarei a citar como HAA). Desta forma, causa muito estranhamento associar patrimônio imaterial e outras categorias de acervos a discussões sobre Museologia. Não raro, mesmo falando de assuntos vastos como documentação de acervos, a expressão usada é documentação de obras de arte. Quase não se falam de itens ou de objetos de museu, mas de obras (donde se subtende – de arte). Assim como na França, o campo museal (e, por consequência, o objeto da Museologia), é restrito às instituições museais, e o mundo do patrimônio é relativo a outros campos do conhecimento que não possuem muita relação com a Museologia.

Dito isto, acho que fica fácil perceber as enormes distâncias entre concepções de Museologia entre a Bélgica e o Brasil, diferenças estas, que mesmo sem desconsiderar a diversidade possível de abordagens dentro de um mesmo país (por exemplo, entre cursos oferecidos da *École du Louvre*, na *Sorbonne Nouvelle* ou na Universidade d’Artois, para citar somente alguns exemplos franceses), existem também, em grande medida, com relação a outros países europeus, como pude perceber ao receber aluno(a)s da Itália e da França em intercâmbio, e ver que suas percepções sobre meus cursos vinham carregadas de estranhamento, tanto quanto as dos estudantes belgas.

Assim, em certa medida, ficou claro desde o início que mesmo discussões que pareceriam no contexto brasileiro já superadas, precisavam ser trazidas como novas, por exemplo, a existência de paradigmas que levam a Museologia para além do estudo dos museus e dos seus objetos para o estudo de uma relação específica do homem com a realidade (Mensch, 1994: 03). Muitas destas mudanças de paradigmas, como afirmei anteriormente, remontam até mesmo à 2ª metade do século XX e a discussão sobre o alcance e a potência da Museologia no Brasil contemporâneo vai muito além, mas nos primeiros

três regiões, Flandres (região flamenga, com 59% da população do país), Wallonie (a Valônia, com 31%), e a Comunidade Germanófona no leste, na fronteira com a Alemanha, onde se fala residualmente o alemão. Bruxelas, a capital do país, bastante cosmopolita, é também capital da União Europeia. É considerada um enclave de língua francesa no território flamengo e abriga 10% da população. As regiões de Flandres e Valônia diferem em quase tudo em aspectos culturais e econômicos. Aquela fala o flamengo, que é muito próximo do holandês, é uma região hoje economicamente mais rica e com uma cultura próxima do mundo anglo-saxão. A Valônia tem uma tradição industrial e de exploração de minas que decaiu economicamente, nela fala-se o francês. Esta região hoje carrega uma pecha de ser menos moderna e cosmopolita que Flandres, e há ainda outras diferenças em termos políticos, evidenciados nas últimas eleições, quando na Valônia ganharam os socialistas, e em Flandres a direita, e até a extrema-direita tiveram maior expressão.

4 Algumas críticas foram extremamente duras e cheias de juízo de valor ou até sarcasmo, como Didier Rykner, que se refere a Jette Sandahl (Presidente do Comitê do ICOM sobre Definição de Museu, Perspectivas e Potenciais, MDPP) como “cette dame” que quer nos “impor” uma nova definição que segundo ele, parece uma piada e pode ser comparada a “um discurso de Miss França”. Ao final ainda conclui o texto chamando o Icom à responsabilidade de não deixar a definição de museus nas mãos de “aprendizes de bruxos” (Rykner, 2019).

Museologias Insurgentes:

pesquisas e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica

contatos percebi que estas ideias, que se não são unânimes no Brasil, tampouco parecem muito inovadoras hoje, na Bélgica revestiam de estranhamento e exotismo toda minha forma de pensar e apresentar a Museologia. Considerada desde o primeiro momento uma abordagem “não-ocidental”, esta Museologia foi vista de imediato como algo rebelde e insubmissa, de forma que me pareceu evidente que não havia outra posição para eu assumir neste novo contexto do que a ótica decolonial.

Assim surgiu o projeto de pesquisa *Les muséologies insurgées: échanges transnationaux*. Primeiro do reconhecimento que a Museologia assumiu, desde meados do século XX, novos contornos conceituais em diferentes geografias, especialmente a partir da demanda de sujeitos emergentes no mundo dos museus e do patrimônio por epistemologias simétricas e decoloniais. Percebendo o quanto isto tudo parecia extraordinariamente novo para alunos, colegas e atores do campo museal belga⁵, salvo raras exceções, entendi que era necessário introduzir o tema a partir destas referências francófonas. Esta estratégia fez-se necessária para quebrar algumas barreiras, que rapidamente associavam minhas ideias a algo imaginado ou aplicável só no contexto da América Latina.

O título do projeto no plural visava destacar exatamente a pluralidade iniciativas, de tendências, de origens geográficas e, ao invés de centrar esforços nas tendências mais atuais e em experiências talvez muito distantes da realidade belga, apresentar um leque amplo de possibilidades e estimular a reflexão de como estas diversas influências poderiam inspirar uma renovação das práticas museais naquele território. Assim, ao lado da Nova Museologia procuro falar da Museologia Comunitária, da Ecomuseologia, da Altermuseologia, da Museologia da Ruptura, da Museologia do Ponto de Vista, da Museologia Popular, da Museologia da Libertação, da Museologia Social, da Sociomuseologia, da Museologia Alternativa, da Museologia Crítica, da Museologia Cidadã, da Museologia Participativa, das museologias indisciplinadas e afetadas, etc., sem necessariamente defender a filiação a uma delas, mas mostrando exatamente a existência de muitas formas insurgentes de pensar a Museologia, que podem ser inspiradoras de muitas maneiras.

O projeto de pesquisa tem, portanto, um forte traço de estudo bibliográfico busca repertoriar e estudar textos, autores e experiências, mas também, eventualmente, experimentar estas noções em projetos de Museologia aplicada próximos da pesquisa ação (Thiollent, 1986). Em seu início, com apenas três integrantes⁶, sendo, além de mim, um doutorando em Museologia oriundo do Burundi, Édouard Nzoyihera, e uma belgo-francesa que havia também passado pela formação em Museologia na Universidade de Liège (nível de mestrado) e que agora trabalhava no mundo dos museus, Mélanie Cornelis, estabelecemos uma estratégia de reuniões regulares para troca de informações sobre o campo museal no Brasil e na Bélgica, buscando também compreender alguns aspectos do campo museal em países da África que Nzoyihera estava estudando. Mas o foco era, essencialmente, compreender que características socioculturais do Brasil e da Bélgica levaram estes dois países a desenvolverem formas de expressão museais tão distintas, e que dificuldades teríamos que enfrentar em nossas tentativas de experimentar as museologias insurgentes na Bélgica.

5 Mesmo em relação à Nova Museologia francesa, tão conhecida no Brasil e com a qual, pela proximidade linguística e geográfica poderia ser esperada uma afinidade maior da Bélgica.

6 Hoje são 11 integrantes: Manuelina Maria Duarte Cândido, Édouard Nzoyihera, Mélanie Cornelis, Noémie Drouguet, Marie Lekane, Kim Cappart, Obay Al Bitar, Chloé de Sousa Veiga, Barbara Ferreira de Avelino, Giulia Gulli, Marie-Paule Jungblut.

Assim, construímos um primeiro texto juntos, para apresentação na 25ª Conferência do Icom em Quioto, Japão, em 2019 (Duarte Cândido, Cornelis, Nzoyihera, 2019). Entre seus objetivos estava a reflexão sobre o potencial de aplicação de conceitos da Museologia Social na Bélgica francófona e os limites impostos pela realidade. Esta comunicação sugeria pensar, em torno do tema proposto pelo Icofom, do futuro da tradição em Museologia, se a Nova Museologia francesa, já considerada como uma tradição epistemológica, poderia ser ela mesma renovada à luz do que vem sendo desenvolvido especialmente nas últimas décadas no campo museal brasileiro.

Para tal, retomamos o contexto de renovação da Museologia na Europa e na África na 2ª metade do séc. XX, o que, pelas razões já expostas, não repetirei aqui. Também apresentamos em linhas gerais o universo museal da *Fédération Wallonie-Bruxelles* (FWB), dados que precisam ser retomados aqui para que o leitor brasileiro compreenda melhor este contexto.

Aspectos demográficos e paisagem museal na *Fédération Wallonie-Bruxelles* (FWB)

A Bélgica inteira não possui mais que 31 mil km² e 12 milhões de habitantes, mas o projeto mencionado concerne somente à região *Fédération Wallonie-Bruxelles* (FWB), correspondendo a 4,3 milhões de habitantes distribuídos em 17 mil km², incluindo Bruxelas.

Esta região conta com cerca de 500 museus, 19% deles na capital. O modelo de gestão mais comum é a constituição de Associação sem fins lucrativos (ASBL) que podem ser iniciativas ou não do poder público, mas significam uma gestão à parte, com captação de recursos junto ao governo e a outras fontes, incluindo os recursos provenientes de ingressos e boutiques de museus. Os funcionários dos museus geralmente são contratados pelas ASBLs, e elas são responsáveis por todas as despesas de sua manutenção, como eventual aluguel⁷, contas de eletricidade, telefonia, etc., mesmo nos museus públicos.

As estruturas administrativas responsáveis por museus na Valônia reproduzem as do país, quais sejam: o Estado Federal como nível mais importante, seguido por regiões (Valônia, Flandres e Bruxelas – capital), *Communautés* (termo dificilmente traduzível como comunidade, que no Brasil tem outro sentido, e na Bélgica correspondem a *Fédération Wallonie-Bruxelles*, *Communauté flamande* e *Communauté germanophone*), as *Provinces* (semelhantes aos estados brasileiros cinco em Flandres e cinco na Valônia) e as *Communes* (algo próximo do que são no Brasil os municípios, 589 no total). Assim, existem museus federais⁸, provinciais e comunais (ligados a uma *Commune*), além do *Musée Royal de Mariemont* que tem um estatuto diferenciado.

Uma diferença essencial entre o setor no Brasil e na Bélgica francófona é que o reconhecimento dos museus pelo Conselho de Museus corresponde também à atribuição de uma subvenção (decreto de 17 de julho de 2002)⁹. Este reconhecimento, também diferente do que ocorre no Brasil, dá-se em quatro diferentes categorias, segundo as quais o nível de exigência e o valor do subsídio variam. Até o fim de 2019 as categorias eram A, B, C e instituição museal.

7 As vezes um poder público apoia o museu com a cessão de um espaço físico.

8 Que são quatro : *Musées Royaux des Beaux-arts de Bruxelles*, *Africa Museum* em Tervuren, *Institut des Sciences Naturelles* de Bruxelas, *Musée d'Art et d'Histoire* de Bruxelas.

9 Um novo decreto entrou em vigor em 1º de janeiro de 2020, mas grosso modo, as regras permanecem semelhantes. Vide https://www.gallilex.cfwb.be/document/pdf/46902_000.pdf

Museologias Insurgentes:

pesquisas e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica

É especialmente nesta última categoria que ocorreram as alterações, da forma como é nomeada, aos critérios. O pedido de reconhecimento deve partir dos museus e era válido, assim como o subsídio, por quatro anos (cinco, no novo decreto), podendo ser renovável ao fim de cada período, mediante nova apreciação dos dossiês. Em 2018 cerca de 80 museus eram reconhecidos e nenhuma instituição museal¹⁰ havia solicitado reconhecimento enquanto tal.

A Bélgica possui uma população multicultural formada especialmente por pessoas de origem em outros países europeus como Itália, França, Holanda, Espanha, Alemanha, Portugal, Grã-Bretanha e Polónia. Possui também uma forte presença de romenos, turcos e africanos do sul e do norte do continente. Em 2015 ocorreu uma onda migratória com a demanda de asilo realizada por 40 mil pessoas, o dobro do ano anterior. Em seguida as taxas se estabilizaram em torno de 15 mil demandas anuais, vindas de nacionalidades que representam as crises humanitárias e políticas no exterior, a exemplo dos sírios, os mais numerosos desde 2014¹¹. No artigo de Duarte Cândido, Cornelis, Nzoyihera (2019) aparece a pergunta sobre qual o lugar desta diversidade cultural na paisagem museal da Bélgica francófona. Em termos de política cultural global, o texto sublinha a presença marcante da diversidade cultural como fundamento das políticas culturais segundo o *Observatoire des Politiques culturelles de la Fédération Wallonie-Bruxelles* e em diversos documentos como a Declaração de Política Comunitária que por sua vez se baseiam em princípios defendidos pela Unesco¹².

Porém, a representatividade da diversidade cultural em exposições temporárias e de longa duração (ditas permanentes) nos museus belgas não faz face a esta realidade. Os museus e exposições optam por representar singularidades regionais e culturas populares locais, como exemplificado pelos autores pela própria denominação de certos museus: *le Musée de la vie wallonne* (Liège), *la Maison tounaisienne* (Tournai), *le Musée Gaumais* (Virton), *le Musée de la Ville de Bruxelles*, *le Musée de la Famenne* (Marche-en-Famenne), etc. Mesmo as raras instituições que adotaram a denominação de ecomuseus privilegiam não aspectos da atuação comunitária e social, mas realçar saberes e fazeres em vias de desaparecimento, o patrimônio rural e industrial e a vida cotidiana de populações locais.

Aspectos demográficos e paisagem museal no Brasil

Como contraponto à realidade belga, tomamos, naquele artigo, a realidade museal e museológica brasileira. É que a partir desta perspectiva nosso projeto de pesquisa busca pensar que contribuições podemos tirar para uma renovação da Museologia na Bélgica. Trata-se de uma realidade sociocultural demasiadamente diferente, o Brasil sendo um país de 8,5 milhões de km² e que possui cerca de 210 milhões de habitantes. Esta enorme população está concentrada sobretudo na costa e nos grandes centros urbanos, mas em relação ao território ainda sinaliza uma densidade demográfica inferior à média mundial. Comparativamente à belga, trata-se de uma população jovem, com grandes taxas de natalidade e expectativa de vida mais baixa. Os índices de desenvolvi-

10 Para evitar dúvidas, instituições museais no decreto de 17 de julho de 2002 são instituições que exerçam funções de aconselhamento e orientação a museus, e não, como poderiam compreender os brasileiros à luz de seus próprios entendimentos dos conceitos do campo, processos ou instituições museais que não se denominem museus ou que não exerçam inteiramente suas funções.

11 MYRIA (Centre fédéral de migration), *La migration en chiffres et en droits*, 2016 : https://www.myria.be/files/MIGRA16_FR_AS.pdf

12 <http://www.opc.cfwb.be/index.php>

mento humano IDH são mais baixos e encontram-se estagnados, com o recuo recente em políticas sociais.

Faz-se desnecessário detalhar neste artigo, como naquele que era voltado ao público estrangeiro, aspectos da diversidade étnica da população brasileira, bem como a imposição de valores coloniais e os movimentos de resistência de populações originárias ou oriundas da diáspora africana. Destaco o fato da Constituição de 1988, a primeira pós-democratização e conhecida como Constituição Cidadã, reconhecer a diversidade intrínseca à nossa identidade cultural, inclusive nos artigos que fazem referência ao patrimônio cultural brasileiro.

Cabe destacar as ondas recentes de imigração de origem latino-americana, africana e europeia que neste início de século XXI incluem o Brasil em novas dinâmicas migratórias geradas por guerras (caso dos imigrantes haitianos) e crises econômicas no exterior: “o panorama migratório contemporâneo do Brasil é este: os imigrantes representam já 1% da população total do Brasil, maior cifra desde o período colonial brasileiro que remonta aos séculos XVI a XVIII.” (Uebel & Rückert, 2017: s. p.) Tais processos não ocorrem desprovidos de tensões, como ocorreu recentemente na fronteira entre Brasil e Venezuela, e é sabida a existência do trabalho de imigrantes em situação análoga à escravidão, por exemplo, os grupos de bolivianos empregados em confecções em São Paulo.

No que tange ao cenário museal, segundo dados do Instituto Brasileiro de Museus, Ibram, o Brasil possui 3.700 museus, mas, mesmo assim, 80% dos brasileiros jamais visitou um museu. Embora a vinculação administrativa mais frequente seja a municipal, 41,1% (Ibram, 2011), 78,9% dos municípios não possuem instituição museal – a concentração se dá na costa e nas cidades mais populosas do sudeste e sul do país (67%). O campo museal reproduz as enormes desigualdades sociais, econômicas e regionais do país e a baixa frequência indica a necessidade de ações ligadas à inclusão. Felizmente entre os profissionais de museus há uma consciência destes desafios e o país se destaca no campo da ação educativo-cultural em museus (vide a forte atuação no Comitê para Ação Educativa e Cultural do Conselho Internacional de Museus – Ceca-icom, inclusive ocupando sua presidência e recebendo prêmios de boas práticas).

Na ausência ou fragilidade de políticas públicas para o campo, destaca-se o forte associativismo que fez nascer um enorme conjunto de redes temáticas e territoriais formadas por museus e por seus profissionais, como as redes de educadores de museus, presentes em quase todos os estados, redes de museologia social, redes de museus indígenas, rede de coleções e museus universitários, entre outras.

Além das redes, vários estados possuem seus sistemas de museus, a exemplo do Sistema Estadual de Museus de São Paulo, criado em 1986 (Mizukami, 2014). Desde 2004 o país passou a contar com o Sistema Brasileiro de Museus (SBM)¹³, cuja criação fez parte da Política Nacional de Museus (PNM) lançada em 2003. Com a criação do Ibram em 2009 houve um fortalecimento do setor museal brasileiro, visto seu papel nas políticas públicas para o setor, malgrado o fato de gerir diretamente somente 29 museus do antigo Ministério da Cultura. Havendo no Brasil museus municipais, estaduais e federais, além dos privados, os museus federais estão distribuídos por vários ministérios, sobretudo o Ministério da Educação, responsável por cerca de quatro centenas de museus das universidades federais.

Ao contrário da FW-B, o Ibram não trabalha exatamente com um pro-

13 <https://www.museus.gov.br/sistemas/sistema-brasileiro-de-museus/>

Museologias Insurgentes:

pesquisas e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica

cesso de reconhecimento dos museus. Após um mapeamento inicial dos museus em que foi admitido inclusive a informação sobre instituições auto-identificadas como museus, o Estatuto de Museus estabeleceu, a partir de 2009, uma normatização para o setor. Entretanto, malgrado o prazo estabelecido de cinco anos para os museus se adequarem à norma, somente agora, mais de 10 anos depois, o Ibram se organiza para iniciar um processo de fiscalização e validação. Por um lado, os critérios foram tomados como orientações ‘pedagógicas’ em um primeiro momento, por outro, a ausência de fiscalização – e de exclusões – permitiu uma expansão do campo, com a multiplicação de iniciativas marcadas pela inventividade e pela imaginação museal (Chagas, 2003).

A criação do Cadastro Nacional de Museus (CNM) em 2006 pretendia reunir e tratar estes dados sobre a diversidade museal brasileira. Dele resultaram publicações como a já mencionada *Museus em Números*. Desde 2015, face à constatação da impossibilidade do Ibram sozinho (e cada vez mais fragilizado em termos de recursos humanos e financeiros) realizar uma missão tão vasta, o Instituto vem buscando realizá-la por meio da Rede Nacional de Identificação de Museus (ReNIM) e de uma plataforma colaborativa chamada *MuseusBR*, que permite a “qualquer pessoa pode contribuir na tarefa de mapear as instituições de memória do país, os eventos promovidos, as ações culturais desenvolvidas nessa área e ainda ajudar a manter atualizadas as informações divulgadas”. (IBRAM, s. d.).

Lições de um percurso museológico contra-hegemônico

A autora do presente texto se encontra desde julho de 2018 afastada da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde tem em suspenso seu cargo de docente de Museologia e continua como professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFG), devido à aprovação em concurso público para professora efetiva de Museologia da Universidade de Liège.

Este deslocamento não somente físico, mas simbólico, tem ao mesmo tempo me permitido e exigido múltiplas aprendizagens e adaptações. No novo contexto não sou uma professora comum no meio universitário, mas uma imigrante. E não uma imigrante como meus colegas que parecem se solidarizar com minhas dificuldades de compreensão do modo de fazer as coisas, vários deles vindos da França ou da Suíça francófona (sem sair, portanto, sequer do mesmo espectro idiomático): eu sou uma “não-ocidental” e tudo é exótico em minha maneira de ministrar as aulas ou me relacionar com os alunos, segundo relatos que chegaram até mim. Do meu lado também a sensação de estranhamento me acompanha cotidianamente, não só no trabalho, mas como é de se esperar, em todas as facetas deste novo lugar no mundo.

Ao anunciar, ainda na fase de seleção do concurso, os projetos de pesquisa que pretendia desenvolver em caso de aprovação, mencionei a continuidade de dois projetos em desenvolvimento na UFG, como seria natural. Ocorre que nos primeiros cursos e diálogos foi ficando patente a necessidade de pensar um projeto novo, a partir da premissa de que a própria presença aqui de uma professora imigrante latino-americana, com a bagagem que tenho de ter vivido até então sempre no Brasil (salvo poucos meses durante o pós-doutorado na França) é de certa forma insurgente ou decolonial. Por mais que muitas leituras e referências minhas no campo da Museologia fossem da França, o aparato teórico que eu mobilizo inclui também autores do leste-europeu, da Península

Ibérica e da América Latina, praticamente desconhecidos na Bélgica (ou, no caso daqueles, quando conhecidos, refutados).

Também no que diz respeito aos museus, os estudos de caso, as experiências que valorizo e analiso nos cursos, certamente passam por geografias pouco habituais para os belgas, que privilegiam, para além dos museus do próprio país, os da França, da Itália, e do Canadá e, com menos ênfase, da Holanda, da Inglaterra e de um ou outro país da Europa Ocidental, mas bem pouco de Portugal e Espanha, menos ainda da América Latina.

O que poderia ser tido como vantagem, a interessante possibilidade de contato dos alunos com novos contextos e realidades, caso eu fosse uma palestrante eventual, é recebido de outra maneira pelo fato de que sou titular de seis disciplinas de mestrado, responsável pelo Serviço de Museologia, o que quer dizer que oriento todas as dissertações de mestrado e teses de doutorado nesta linha, e ministro ainda a única disciplina de (Introdução à) Museologia no bacharelado, por sua vez, obrigatória. Minha presença põe em xeque, portanto, um regime de autorização discursiva, pois sou o “outro”, mas em uma posição que “naturalmente” não me seria destinada. Diante do exposto, não me restava outro espaço acadêmico a não ser assumir esta situação de alteridade e criar o projeto aqui referido, “*Les muséologies insurgées: échanges transnationaux*”.

Sua concepção partiu também de um certo reconhecimento imediato de que o campo da Museologia de onde venho é mais plural, pois bebemos muito nas fontes da Museologia europeia, sobretudo francesa ou inglesa, mas também nos aventuramos pela Museologia do leste europeu e, por afinidades linguísticas, pelas museologias de Portugal e Espanha. Também buscamos aqui e ali referências na Museologia canadense ou norte-americana, mas não ignoramos (ainda que devêssemos conhecer melhor) as museologias latino-americanas e, em menor grau, tentamos conhecer alguma coisa das museologias africanas e orientais. O que saltou aos olhos nos primeiros contatos com os alunos foi o desconhecimento, por exemplo sobre a Nova Museologia francesa, que inclusive parece ter uma penetração bem mais profunda no Brasil que na Bélgica, não obstante as variáveis linguísticas. Cabe, porém, ressaltar que os alunos que chegam ao mestrado em Museologia são provenientes de formação em nível de bacharelado em História da Arte e Arqueologia, e grosso modo possuem em seu histórico somente a disciplina de Introdução à Museologia já mencionada. Curioso notar que o desconhecimento é similar seja entre estudantes belgas, seja entre os oriundos mesmo da França ou ainda da Itália, que já tive oportunidade de receber em sala-de-aula¹⁴.

A pluralidade do campo da Museologia no Brasil é certamente resultado de uma ampla gama de possibilidades de formação, sobretudo hoje que o país possui 15 cursos de bacharelado, cinco de mestrado e mais um doutorado, além de um curso técnico. Mas também do fato de que a universidade pública gratuita e a inexistência de algumas barreiras para ingresso no curso superior como notas de corte e não desvalorização de percursos acadêmicos pouco lineares permitem que no Brasil a Museologia seja, muitas vezes, a segunda ou terceira graduação de um aluno, e que seus mestrados e doutorados recebam estudantes com trajetórias em áreas tão distintas quanto Arquitetura, Direito ou Publicidade. A pluralidade se deve ainda ao fato de que muito da produção na área vem também de pessoas que fizeram parte de sua formação no exterior ou que, antes do aumento da oferta de cursos no Brasil, realizaram pesquisas

14 Em intercâmbios ligados ao programa Erasmus ou ainda como migrantes e ingressantes no sistema acadêmico belga.

Museologias Insurgentes:

pesquisas e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica

em temas da Museologia mas em caminhos acadêmicos distintos, como em Ciências Sociais, Educação, Comunicação, História, Arqueologia, Arquitetura e muitos outros. Esta multiplicidade de caminhos não é de todo estranha à Bélgica, visto que há apenas quatro teses de doutorado defendidas em Museologia¹⁵ nestes 20 anos de existência do Serviço de Museologia da Universidade de Liège e são considerados museólogos não somente os que concluíram o Mestrado em História da Arte e Arqueologia orientação geral finalidade especializada em Museologia, formação que ofertamos, mas muitas pessoas que construíram seu percurso na prática em museus, vindas de outras formações. Porém, ao contrário do Brasil, raramente as pesquisas de quem faz estes outros percursos acadêmicos contribui efetivamente para a construção da Museologia como campo e sendo assim, a produção acadêmica interessada em Museologia se restringe às dissertações de mestrado e aos raros doutoramentos mencionados. Um campo desta forma restrito (não na prática em museus, mas na reflexão museológica) pesa especialmente quando se precisam de doutores, como por exemplo, para compor os juris de mestrados, pois não há um grande leque de opções, seja do ponto de vista quantitativo ou mesmo de pontos de vista distintos, pois os poucos doutores disponíveis são provenientes da mesma formação e orientação.

É preciso situar este relato-reflexão na primeira pessoa em um contexto mais amplo da circulação de pessoas e saberes em um mundo cada vez mais marcado pela construção de novas fronteiras e pelo isolacionismo. Após o fenômeno da globalização temos um novo recuo identitário em que nações se enclausuram em suas bolhas¹⁶, conforme denunciado por Achille Mbembe ao advogar pela ética de “passagem, circulação e transfiguração”. Mbembe afirma que

A condição de ser negro não se refere mais necessariamente à cor da pele. O negro tornou-se pós-racial. Na era do pós-capitalismo, o ‘negro’ não é apenas o colonizado, mas a forma genérica do subalterno, do oprimido. Dentro da própria Europa, a Grécia – sob o jugo da ‘Troika’ europeia, para quem a democracia é inútil frente aos tratados europeus de primazia – também viu-se relegada à posição do ‘negro’ da União Europeia. (Mbembe, 2020)

A categoria que me foi então atribuída, de não-ocidental, leva-me a refletir como posso, nesta posição de poder em que me encontro, e onde minha própria presença causa algum estranhamento, contribuir para a construção de formas mais plurais de pensar a Museologia, colocando minha bagagem a serviço de possibilidades de ruptura e insurgência epistemológica.

Museus e patrimônio imaterial

Uma das facetas da Museologia brasileira que pode contribuir muito para a renovação da Museologia belga é a que associa o patrimônio imaterial aos museus. Não que na Bélgica inexistam museus que trabalhem nesta interface, mas ela fica associada quase exclusivamente aos chamados museus de sociedade. E museus de sociedade aqui tomados em sua acepção mais clássica, de categoria que engloba museus de arte e tradições populares, de etnografia ou etnologia regional e afins (Drouguet, 2015). Não em uma concepção mais

¹⁵ Ver <http://web.philo.ulg.ac.be/museologie/theses-de-doctorat/>

¹⁶ Caberá ainda ao futuro uma análise do impacto sobre este fenômeno da pandemia de COVID-19 em 2020, quando o fechamento (de início, temporário) de fronteiras e o apelo ao retorno dos cidadãos aos seus países de origem levou a uma reconsideração de fronteiras que se pretendiam mais permeáveis, inclusive entre países da própria Europa.

abrangente que Drouguet defende, aquela que considera museus de sociedade não uma tipologia, mas um novo paradigma museológico marcado por quatro aspectos:

- ruptura com a ancoragem exclusivamente disciplinar – renúncia a uma disciplina de base, em nome da interdisciplinaridade;
- afastamento dos projetos museais centrados no objeto e na coleção;
- valorização do patrimônio imaterial – particularmente por meio dos testemunhos orais;
- centralidade do contemporâneo, especialmente a partir da faceta da participação (Drouguet, 2016: 12-13)

Esta autora belga, que se dedicou a estudar exatamente os museus de sociedade, tema de sua tese de doutorado, é uma exceção, ao propor uma Museologia indisciplinada e na qual museus de sociedade sejam um paradigma. Grande parte dos atores do campo pensam-no a partir de tipologias, em que a centralidade está posta a partir de museus de arte e arqueologia, o que explica que a formação em Museologia seja pensada como uma especialização possível quase exclusivamente a quem vem da História da Arte e Arqueologia¹⁷. Claro que o fato desta tese ter sido elaborada e defendida no Serviço de Museologia da Universidade de Liège mostra uma vontade de abertura, mas ainda limitada por muitas circunstâncias.

Já no Brasil, diversos fatores contribuíram para que os museus estivessem mais próximos dos patrimônios ditos imateriais, seja pela menor exuberância de suas coleções de arte, pela riqueza excepcional e diversidade do patrimônio imaterial brasileiro, ou mesmo pelo fato da Arqueologia, para falar somente de uma das disciplinas, estar tão próxima da Antropologia e propor conexões entre culturas pretéritas e povos ainda remanescentes, por meio de trabalhos etnoarqueológicos, por exemplo. Também podemos perceber na Museologia brasileira contemporânea a forte influência da Mesa-redonda de Santiago do Chile, que cunhou, em 1972, o conceito de museu integral ou integrado (sobre esta discussão ver Duarte Cândido, 2003). Com este conceito bem incorporado às práticas museais, as instituições brasileiras tendem, mais frequentemente, a conectarem a coleções que preservam com a dinâmica do patrimônio imaterial e com suas paisagens de origem, tornando mais tênues os limites entre suas ações intra e extra-muros, por exemplo.

Por diversas razões, ao contrário, as ações extra-muros são ainda pouco usuais na Bélgica. Seja porque parecem sair do escopo do museu segundo as acepções mais clássicas, seja porque coleções de museus muitas vezes não possuem realmente relação de continuidade com seu entorno, pois fazem parte dos grandes movimentos de desterritorialização de coleções, ou mesmo por motivos mais ‘prosaicos’, como o fato de que os modelos de gestão baseados em ASBLs que amealham recursos em várias fontes¹⁸ e os combinam com as receitas geradas por suas atividades. Isto leva, implicitamente, a que os museus

17 Importante lembrar que ao contrário daquilo vivenciado no Brasil, onde a Arqueologia repercute o projeto four-field anthropology de Franz Boas, segundo o qual a Arqueologia é, juntamente com a Linguística, a Etnologia e a Antropologia Física, um dos quatro campos da Antropologia, a Arqueologia europeia se aproxima dos estudos clássicos e é um ramo da História da Arte.

18 Recursos públicos são captados junto à administração local, provincial, federal e de turismo, por exemplo, mas nenhum destes é responsável por uma manutenção integral do museu. Por outro lado, quanto maior o número de intervenientes nas finanças do museu, a mais critérios e exigências ele deve responder, diminuindo sua flexibilidade e autonomia nos projetos. Por exemplo, um apoio da área do turismo pode exigir um número de horas de abertura maior, e mesmo uma taxa de visitação por turistas que obrigue o museu a priorizar atividades para este público.

Museologias Insurgentes:

pesquisas e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica

priorizem um público pagante e que possa também consumir na lojinha e no restaurante do museu, comprar catálogos, etc.

O Brasil viveu, em seguida à Constituição de 1988, uma expansão da noção de patrimônio, com a valorização do patrimônio imaterial, que ganhou, a partir do Decreto 3.551/2000, seus mecanismos legais de proteção, antecedendo até mesmo as Convenções da Unesco relativas à matéria¹⁹. Em seguida, estados brasileiros criaram suas próprias leis atinentes ao patrimônio imaterial. É o caso do Ceará²⁰ cuja lei destacou também pelo fato de, para além da criação das categorias previstas na Lei Federal como saberes, celebrações, formas de expressão e lugares, ter criado ainda outras duas: Guardiães da Memória e Mestres da Cultura Tradicional Popular. Estas permitem, portanto, a valorização de pessoas vivas reconhecidas por duas comunidades e detentoras de um patrimônio que elas são capazes de transmitir às futuras gerações.

No segundo caso, uma lei específica do mês de agosto de 2003²¹ já estabelecia o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular, por meio do qual a Secretaria de Cultura do Ceará atribui não apenas um título, mas uma ajuda financeira vitalícia de um salário mínimo por mês. A candidatura é aberta àqueles com comprovada experiência de pelo menos 20 anos no campo da cultura popular (não como pesquisador, mas como detentor dos bens imateriais relevantes para sua coletividade). A contrapartida obrigatória é a transmissão deste patrimônio para as novas gerações. O perfil destes mestres costuma ser o de homens e mulheres de classe baixa, comumente sem estudos formais, e cuja manutenção depende da atividade reconhecida como patrimônio, por exemplo, um artesanato, uma atividade ligada à agricultura, pecuária ou pesca tradicionais, ou manifestações culturais ligadas à música, dança e rituais que podem eventualmente ser apresentadas para turistas em troca de alguma remuneração.

Em 2006 uma nova lei²² transformou estes Mestres em Tesouros da Cultura Viva. A adoção desta nova categoria chamou muita atenção nas discussões na Bélgica, onde patrimônio e museus são categorias mais distantes e uma das poucas aproximações patentes é a classificação de certas peças de acervos de museus (e de outras instituições) como Tesouros. Os Tesouros são, neste contexto, objetos materiais dotados de excepcionalidade. A associação, no Ceará, do termo Tesouro, a pessoas do povo, surpreendeu integrantes do projeto de pesquisa, por assinalar uma compreensão mais larga do conceito de patrimônio em que o elemento humano seja mais valorizado, e no qual sejam pensadas, de maneira integrada, a perenização dos bens patrimoniais e a sobrevivência de grupos sociais a eles ligados.

Outras reflexões no âmbito do projeto levam também a pensar que tal categoria só é possível quando há menor hierarquização entre alta cultura e cultura popular, saber acadêmico e saber popular, indicando que à parte do ensino formal, a valorização da transmissão de determinados saberes de geração a geração situa os Mestres ou Tesouros da Cultura Viva como verdadeiras bibliotecas de saberes populares.

19 Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003) e Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005).

20 Lei 13.427 de 30.12.2003. Estado do Ceará.

21 Lei 13.351 de 22.08.2003. Estado do Ceará.

22 Lei 13.842 de 27.11.2006. Estado do Ceará.

Considerações finais

O projeto de pesquisa “*Les muséologies insurgées: échanges transnationaux*” ainda se encontra em seu início, buscando agregar diferentes atores interessados em investigar diversas formas de pensar e praticar a Museologia e imaginar como elas poderiam inspirar uma renovação na Museologia na Bélgica. Há uma grande desconfiança do meio universitário em torno do ativismo e mesmo do posicionamento político claro. Ideias mais de vanguarda da Museologia Social sobre o museu como instrumento de luta ainda parecem bastante estranhos ao contexto museológico e museal belgas, embora aos poucos identifiquemos iniciativas ligadas à participação, à colaboração e à inclusão que são de grande potencial. Por um lado, os movimentos sociais não necessariamente se interessaram, até este momento, pelos museus²³, salvo algumas iniciativas ligadas a debates sobre restituições²⁴. Por outro, a única formação em Museologia concretamente é um mestrado dentro de uma formação de História da Arte e Arqueologia, e o público que tem acesso a ele não é de maneira alguma ligado aos movimentos sociais e adentra ao curso com outras expectativas, cujo tempo e esforço para desconstruir e criar novas bases de reflexão podem não ser sempre suficientes, quando o contexto todo leva ao interesse pelo colecionismo e pela valorização dos objetos tidos como obras de arte excepcionais.

Ainda assim, verifica-se, nas ocasiões de apresentações públicas sobre experiências ou reflexões em torno da Museologia Social, um grande interesse, após o impacto e estranhamento iniciais. O projeto tem procurado criar ocasiões de publicização das ideias como forma de ampliar o debate e a difusão, na Bélgica, de conceitos, autores, metodologias e experiências das diversas museologias que vamos identificando como insurgentes, também em uma perspectiva de ampliar mais o escopo e não dar margem ao entendimento de que é uma tentativa de transferir modelos brasileiros pura e simplesmente. Assim, uma certa história da Nova Museologia ou da Museologia da Ruptura ajudam a dar alguma mostra de que na própria Europa outras formas de pensar a Museologia foram experimentadas. Outros caminhos como a Museologia Comunitária, a Museologia Crítica, a Museologia Popular, a Museologia do Ponto de Vista, a Ecomuseologia, a Museologia Alternativa e tantas outras aparecem como forma de impulsionar a buscas por caminhos que rompam com uma compressão única e cristalizada da Museologia, sem oferecer um modelo, até porque como estrangeira também entendo que são eles, agentes do lugar, que poderão melhor propor o que se adequa ou não à sua realidade. Vejo meu papel, antes de mais nada, como o de propor descobrir experiências e pensamentos gerados em outras geografias e se desfazer de algumas amarras conceituais.

No âmbito do projeto de pesquisa e da construção do texto elaborado a seis mãos para apresentação na Conferência do Icom de Quioto, elencamos algumas diferenças entre Brasil e Bélgica que dificultam ainda a aproximação destas distintas realidades museais e museológicas. Por exemplo, como analisado aqui, a pertinência, na Bélgica, da Museologia a um campo disciplinar específi-

23 Os movimentos sociais que mais mobilizam a população, sobretudo os jovens, na Bélgica, parecem ser aqueles em torno das questões climáticas e ambientais. Ainda assim, mesmo 2019 tendo sido um ano de intensa atividade por parte dos ambientalistas, não tivemos conhecimento de que eles tenham se apropriado dos museus como forma de difusão de suas ideias e reivindicações.

24 Mesmo assim, museus como o Africamuseum, de Tervuren, um museu de histórico absolutamente ligado ao colonialismo belga e que reabriu em dezembro de 2018 após toda uma revisão e renovação em vista de se descolonizar, declara não haver recebido formalmente nenhum pedido de restituição, até o momento.

Museologias Insurgentes:

pesquisas e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica

co e muito ligado ao universo dos objetos de valor estético excepcional, como a História da Arte e Arqueologia. Ainda no que diz respeito ao meio acadêmico, há questões que nos diferenciam como o perfil do alunado, muito mais diverso no Brasil, especialmente após as políticas afirmativas de ingresso à universidade, mas também pelo fato de haver cursos noturnos, procurados por um público de trabalhadores, por exemplo. Na Bélgica, especialmente em determinados cursos, como é o nosso caso, existe quase nenhuma diversidade no público estudantil, e mesmo entre mestrandos e doutorandos há pouquíssima variação etária e de classe social. O corpo discente é basicamente formado por jovens (em geral de 21 a 25 anos) brancos, solteiros, sem filhos, de classe média, e as raras exceções como imigrantes africanos e refugiados confirmam a regra.

Outros fatores, são relativos a modelos de gestão dos museus, como os que mencionamos, das associações sem fins lucrativos (ASBLs) que gerem os museus com recursos amealhados em várias fontes em combinação com as receitas geradas por suas atividades. Entre as fontes diversas costuma haver representações de partidos políticos que vão exigir ou evitar determinadas abordagens, o que pode fazer os museus tentarem manter um discurso que pareça politicamente neutro. Por sua vez, a necessidade de geração de receitas próprias leva o museu a se preocupar demasiadamente com temáticas e ações que atraiam um público cada vez mais numeroso, o que desestimula ações fora de suas sedes ou que impliquem o não pagamento de entradas, ou ainda um público que não potencialize as receitas do museu porque não consome para além do ingresso. Também sobre a gestão, outro aspecto não mencionado, mas que dificulta a renovação, é a inexistência de mandatos. Os diretores de museus podem ser tirados (raramente) por razões políticas, ou saírem a pedido quando recebem uma proposta melhor, mas em geral permanecem no cargo até a sua aposentadoria.

É possível ainda que a dificuldade de transformar a Museologia na Bélgica se dê em razão da importância normativa que é dada à Museologia neste país. O Conselho de Museus da FWB, por exemplo, estabelece os critérios segundo os quais reconhece ou não museus para atribuir-lhes um apoio financeiro que é fundamental para sua manutenção, diferentemente do papel do Ibram que contribui financeiramente como poucos museus em relação ao total dos museus brasileiros e ainda assim por meio de editais que tocam projetos pontuais, a serem realizados em um ano, e não planos quinquenais de manutenção parcial do funcionamento dos museus reconhecidos. Contudo, também podemos aprender com a Bélgica. Na experiência normativa eles desenvolveram mecanismos mais complexos e detalhados: o reconhecimento dos museus ocorre em diferentes categorias com critérios e exigências que se adaptam a cada uma delas. Talvez no contexto brasileiro, que é marcado pela diversidade, valesse a pena pensar em diferentes categorias de museus, para que os pequenos não fossem massacrados por exigências que só caberiam às grandes instituições.

Portanto, este projeto de pesquisa, ao pretender contribuir para uma transformação da Museologia na Bélgica, permite, por meio de estudos comparativos, vislumbrar também aprendizados significativos para a Museologia brasileira, olhando além das 'bolhas' e propondo entre elas movimentos de "passagem, circulação e transfiguração".

Referências

- BRUNO, Cristina; CHAGAS, Mário; MOUTINHO, Mário (eds). *Sociomuseology I: New Focuses / New Challenges*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2007. Disponível online em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/archive>
- CHAGAS, Mário. Museus, memórias e movimentos sociais. In: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT]. *Questões Interdisciplinares na Museologia*. Lisboa: ULHT, 2011. p. 5-15. (Cadernos de Sociomuseologia, 41)
- CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês (orgs.). *Cadernos do CEOM - Museologia Social*, ano 27, 2014, n.41.
- CHAGAS, Mario de Souza. *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UERJ, para a obtenção do grau de doutor, Rio de Janeiro, 2003.
- COSSE, V; GOHY, F; PAINDAVOINE, I. *Approches quantitative et qualitative du secteur muséal en Fédération Wallonie-Bruxelles*. Bruxelles, Observatoire des Politiques Culturelles Wallonia.be / WSW, 2015.
- DAVALLON, Jean. Le pouvoir sémiotique de l'espace : vers une nouvelle conception de l'exposition ? In : *Hermès, La Revue* 2011/3 (n° 61), p. 38-44. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2011-3-page-38.html>
- DESVALLÉES, André. *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. Vol. 1 Paris: W M. N. E. S., 1992.
- _____. *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. Vol. 2 Paris: W M. N. E. S., 1994.
- DROUGUET, Noémie. *Le musée de société: de l'exposition de folklore aux enjeux contemporains*. Paris: Armand Colin, 2015.
- _____. L'inconfort du conservateur face au musée « indiscipliné ». La mise en exposition dans le musée de société. In: *Thème – la revue des musées de la civilisation*, 4, 2016. p. 11-22.
- DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. *Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro*. Lisboa: ULHT, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20)
- _____. Heritage and empowerment of local development players. In: *Museum International: Achievements and Challenges in the Brazilian Museum Landscape*. Paris: ICOM. Volume 64, Issue 1-4, pages 43–55, 2012.
- _____. *Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento*. 3ª edição. Porto Alegre: Padula Livros, 2019.
- _____. A pesquisa em Museologia ou... por uma pesquisa adjetivada. In: ARAÚJO, Bruno Melo de; SEGANTINI, Verona Campos; MAGALDI, Monique; HEITOR, Gleyce Kelly Maciel. *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios*. Recife: UFPE, REDE de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia, 2019. p. 147-162. Disponível online em <http://hdl.handle.net/2268/239341>
- DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; CORNELIS, Mélanie; NZOYIHERA, Édouard. Les muséologies insurgées: un avenir possible pour une tradition épistémologique. In: SMEDS, Kerstin. *The Future of Tradition in Museology: Materials for a discussion*. Papers from the ICOFOM 42nd symposium held in Kyoto (Japan), 1-7 September 2019. Paris: ICOFOM/ICOM, 2019. p. 50-54. Disponível online em http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/images/Icofom-mono-FutureofTradition-FINAL.pdf.
- FW-B.BE. *La Fédération Wallonie-Bruxelles en chiffres*. Bruxelles, Ministère de la

Museologias Insurgentes:

pesquisas e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica

Fédération Wallonie-Bruxelles, 2017.

Instituto Brasileiro de Museus [Ibram]; Organização dos Estados Iberoamericanos [OEI]. *Memory spots: methodology and practices in Social Museology*. Brasília: Phábrica, 2016. p. 96-97. Disponível online em <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Pontos-de-Memória-Ingês.pdf>

_____. *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

_____. *Cadastro Nacional de Museus*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, s.d.. Disponível online em <https://www.museus.gov.br/sistemas/cadastro-nacional-de-museus/>

MBEMBE, Achille. A ética da passagem. In: *Latitude: repensando relações de poder – por um mundo decolonizado e antirracista*. München: Goethe-Institut Frankreich, janeiro de 2020. Tradução: Cláudio Andrade. Disponível online em https://www.goethe.de/prj/lat/pt/dis/21751908.html?fbclid=IwAR3z_rDSaZl-PFHvRDWw4bddIUeBk2AocUoBbuITZvEFkdA5jj0ckLqITbH8

MIZUKAMI, Luiz Fernando. *Redes e sistemas de museus: um estudo a partir do Sistema Estadual de Museus de São Paulo*. São Paulo: Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 2014.

RYKNER, Didier. Inclusif et polyphonique : la nouvelle définition du musée proposée par l'ICOM. In : *La Tribune de l'Art*. vendredi 2 août 2019 Disponível online em <https://www.latribunedelart.com/inclusif-et-polyphonique-la-nouvelle-definition-du-musee-proposee-par-l-icom>

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Editora Cortez / Autores Associados, 1986.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg, RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. Aspectos gerais da dinâmica imigratória no Brasil no século XXI. In: *Confins: revue franco brésilienne de géographie*, n. 31, 2017. Disponível online em <https://journals.openedition.org/confins/11905>

VAN MENSCH, Peter. *Towards a methodology of museology*. Zagreb (Croatia): University of Zagreb, 1992. (Doctoral thesis) Disponível online em www.xa.yimg.com/kq/groups/23466284/1995686355/name/Towards.

VAN MENSCH, Peter. *O objeto de estudo da Museologia*. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994. (Pretextos museológicos, 1).

VARINE, Hugues de. *L'écomusée singulier et pluriel*. Un témoignage sur cinquante ans de muséologie communautaire dans le monde. Paris: L'Harmattan, 2017.